

**ÓCULOS DE FUTUROS DOS PRETÉRITOS (DES)OCULTADOS: RASCUNHO DE UMA PROPOSTA DECOLONIAL DE ESTUDOS DE FUTUROS**

Ricardo Zagallo Camargo - ESPM

Luis Guilherme Matias - Escola Superior de Propaganda e Marketing

**Resumo**

Artigo aplicado que apresenta o rascunho de uma metodologia decolonial de estudos de futuros. Tem como questão-problema: Como podemos pensar em metodologias de tendências que permitam imaginar futuros além dos discursos dominantes? Foi desenvolvido a partir da revisão da literatura, com ênfase na busca por propostas decoloniais, e de análise documental de relatórios de tendências de futuros. A proposta teve como ponto de partida os Cones de Futuros (Voros, 2017), que utiliza princípios da ótica para definir, a partir de um ponto de observação, quais seriam futuros possíveis, plausíveis, prováveis e preferíveis. A metodologia foi batizada como "óculos de futuros decoloniais" e alia o conhecimento de lideranças comunitárias e de experts para configurar futuros com duas lentes diferentes e complementares: 1) uma lente histórica, com função de memória libertadora, que permite compreender como o passado e o presente influenciam a imaginação de futuros; 2) uma lente especulativa, que favorece o entendimento das cosmovisões e metanarrativas que moldam nossas percepções. O estudo inova ao utilizar saberes plurais e a metodologia, se implementada, contribui para a ampliação de futuros possíveis, o aumento da participação de líderes comunitários nos estudos de tendências, e o estímulo à imaginação de futuros participativos.

**Palavras-chave:** Comportamento do consumidor; Estudos de Futuros; Decolonialidade**Abstract**

This paper presents the draft of a decolonial methodology for futures studies. With the problem: How can we think about trend methodologies that allow us to imagine futures beyond the dominant discourses? It was developed based on a literature review, with an emphasis on the search for decolonial proposals, and documentary analysis of reports on future trends. The proposal begins with Cones of Futures (Voros, 2017), which uses optical principles to define, from a point of observation, which would be possible, plausible, probable and preferable futures. The methodology was called "glasses of decolonial futures" and combines the knowledge of community leaders and experts to configure futures with two different and complementary lenses: 1) a historical lens, with a liberating memory function, which allows understanding how the past and present influence the imagination of futures; 2) a speculative lens, to understanding the worldviews and metanarratives that shape our perceptions. The study innovates by using plural knowledge and the methodology, if implemented, contributes to the expansion of possible futures, the increase in the participation of community leaders in futures studies, and the imagination of participatory futures.

**Keywords:** Consumer behavior; Futures studies; Decoloniality

# ÓCULOS DE FUTUROS DOS PRETÉRITOS (DES)OCULTADOS

## Proposta preliminar de estudos de futuros com ênfase decolonial

### 1. FLUTUAÇÃO E ENGAJAMENTO

Diariamente o futuro desfila infindável nos e-mails e redes sociais de executivas e executivos de todos os setores de atividade econômica. Relatórios, geralmente internacionais ou no máximo “tropicalizados”, apontam para inúmeras tendências que, se aproveitadas, podem ser capazes de garantir um aproveitamento máximo para os negócios, assim como de gerar *insights* “acionáveis” para gerar vantagens competitivas. Isso tudo somado à exorbitante quantidade de informações que disputam nossa atenção nos espaços físicos e virtuais.

Mesmo levando em conta apenas as propostas que julgamos merecedoras de nossa atenção por parecerem mais cuidadosas em termos de conceitos e metodologia, a sensação de “estar por fora” nos assombra a cada novo e bem diagramado resumo de tendências. Uma sensação que parece demandar que estejamos por dentro e por fora da enxurrada de informações, alternando momentos atencionais engajados e flutuantes (Latour, 2011). Lembrando que tanto na flutuação, estado de espera/suspensão, quanto no engajamento, em plena posse dos meios, partilhamos as diferentes zonas atencionais, sendo que o espaço possuído é da pessoa, mas também dos(as) outros(as) (Avillez; Kastrup, 2023). Nos termos de Latour (2011), cada um “possui a todos os outros”, por partilhar intervenções em um mesmo dispositivo, que no nosso caso pode ser uma metodologia de observação e identificação de tendências.

No caso das pessoas da América Latina, há um desafio a mais: o engajamento não significa somente adesão, mas também crítica e desconstrução de modelos prospectivos que pensam futuros a partir de matrizes e lógicas estadunidenses e europeias (Mojica 2010).

Levando em conta esse contexto de flutuação, engajamento e crítica, este artigo se propõe a relatar o desenvolvimento de uma proposta de estudos de futuros com ênfase decolonial, como resposta à questão-problema: como podemos pensar em técnicas de análise de tendências que descentalizem os discursos hegemônicos, permitindo ampliar a imaginação de possibilidades de futuros?

### 2. (DES)OCULTAMENTO

Para propiciar qualidade produtividade nos resultados alcançados pela solução proposta, a metodologia segue o processo sugerido por Marcondes et al. (2017) para trabalhos práticos e aplicados. Partiu-se da interação de estudantes e docente responsável por uma disciplina dedicada ao estudo de tendências, *trendhunting* e futurismo, que integra a grade curricular de um Mestrado Profissional da cidade de São Paulo que tem como uma de suas entregas o desenvolvimento de um estudo propositivo acerca das metodologias de tendências disponíveis no mercado brasileiro.

Um dos participantes da disciplina (e coautor deste texto) optou por uma ênfase decolonial, que fosse capaz de distinguir a proposta de empresas de pesquisa de futuros, trabalhando, em especial, com a noção de memória. Bosi (1987) observa que a teoria do aprendizado de Platão pressupõe a existência vidas anteriores à vida presente, sendo que as lembranças podiam remontar a épocas distantes, a um momento em que a alma pudera

contemplar as verdades ideais e eternas. Mas as almas deveriam esperar um tanto para que o desejo de saber se transformasse em conhecimento, pois entre um e outro ocorreria o tempo necessário à memória. Como forma de purificação pela paciência, os deuses ofereciam às almas água tirada de um rio chamado Lethe, rio do esquecimento. Se as almas, arrastadas pela sede do desejo sem freio, bebessem a água do Lethe, sem a pausa do sacrifício, ficariam saciadas e entorpecidas muito rapidamente, incapazes de dar o salto que leva ao conhecimento através da memória. Mas as almas que resistissem e não tragassem a água do Lethe alcançariam o não-esquecimento, o des-ocultamento, a a-letheia, a alétheia, que é a memória libertadora. Da mesma forma as sociedades que se esquecem do seu passado, mesmo recente, vagam erráticas, sem encontrar a porta de saída que é a reflexão sobre o passado (BOSI, 1987).

### 3. FUTUROS DOS PRETÉRITOS

Tendo como suporte a revisão da literatura concernente aos estudos de futuros, com ênfase na busca por propostas que pudessem ser consideradas decoloniais, buscamos aprofundar as discussões sobre quais são as principais demandas latentes para entender suas implicações efetivas e validar o problema colocado, conforme sugerido por Marcondes et al. (2017). O método empregado foi a análise documental de relatórios de tendências mencionados nos artigos científicos.

Dentre as metodologias existentes foi selecionada a proposta de Cones de futuros (Voros, 2017), que utiliza uma aproximação com a ótica para definir, a partir de um ponto de observação, quais seriam futuros possíveis (baseados em conhecimentos futuros), plausíveis (baseados em conhecimento atual), prováveis (baseados em tendências atuais), e preferíveis, que incluem julgamento de valor e uma questão crucial: preferíveis para quem?

Pensar nessa questão remete à disputa para definir, ao longo da história recente, o que é preferível para todas as pessoas. Barbrook (2009) parte da visão de futuro que o fascinou quando criança, enquanto visitava a Feira Mundial de Nova Iorque em 1964, para constatar que as promessas dos benefícios futuros à sociedade não se realizaram. A revolução tecnológica não causou a revolução social. A utopia de uma sociedade livre serviu apenas como propaganda estadunidense para ganhar a crucial batalha da propaganda durante a Guerra Fria. O autor, num movimento semelhante ao mencionado por Bosi (1987) lembra que desvelar o passado é um requisito para entender suas repetições contemporâneas. Olhar para trás não é desvio, mas sim uma pré-condição para se mover adiante (Barbrook, 2009, p. 39-40).

Na tentativa de acionar o poder do des-ocultamento, foi proposto, como primeira tentativa de escapar de futuros há muito tempo predeterminados do Norte para o Sul Global, uma adaptação do método Cones de futuros de Voros (2017), com a inclusão de um olhar para o passado, capaz de ampliar o escopo de futuros possíveis, como destacam as reflexões de Bosi (1987) e Barbrook (2009). Ao nomear a proposta com a metáfora dos óculos de futuros decoloniais enfatizamos que a *decolonialidade é uma opção*, que deve ser exercida por meio da práxis. Colocar e tirar os óculos, trocar de lentes e modelos significa, portanto, um avanço no ideal de futuros plurais, visualizando e alimentando lugares e construções alternativas, por meio das já mencionadas flutuações e engajamentos.

Não se trata, contudo, de um trocar de óculos inocente. Há sem dúvida um aspecto lúdico, mas o objetivo das experimentações é avançar na recuperação de conhecimentos do Sul Global e no fomento à participação de grupos historicamente marginalizados nas visões de futuro, numa perspectiva “sul-globalista” epistêmica e não geográfica. Colocar óculos

decoloniais implica discutir estruturas onto-epistemologias de opressão que se impõem a povos marginalizados, na busca pelo resgate de visões de mundo “esquecidas” pela modernidade.

Com mecanismo semelhante aos óculos 3D que usamos nos cinemas, os óculos de futuros têm duas lentes diferentes, que juntas permitem enxergar a terceira dimensão, além da história oficial imposta de pelos agentes hegemônicos cima para baixo:

- 1) Uma lente histórica, com função de alétheia, de memória libertadora, que oferece um *contexto* (Nery, 2021) crítico, que estabelece as condições prévias e atuais relacionadas ao objeto estudado, entendendo o histórico político-social para compreender melhor o presente. Permite compreender como o passado e o presente influenciam o objeto em questão, identificando estereótipos, medos e desejos míticos que persistem e moldam o presente, afetando as perspectivas futuras.
- 2) Uma lente especulativa, que a partir do recuo histórico da outra lente, permite um exercício de retrofuturismo, ajudando a construir um entendimento compartilhado sobre as cosmovisões e metanarrativas que moldam a percepção do objeto estudado e permite a exploração de futuros a partir de olhares de pessoas das comunidades envolvidas em diálogo com pessoas especialistas em prospectar futuros (Ramos et al., 2019).

As duas lentes são subsidiadas por achados provenientes de técnicas convencionais de coleta e tratamento de dados, tais como entrevistas, rodas de conversa, análises de discurso ou conteúdo, ou ainda Análise Delphi adaptada (Miller, 1993) no caso do diálogo entre especialistas de futuros e das comunidades. O método alinha-se, dessa forma, com os estudos futuros, que representam um campo novo ainda sem o desenvolvimento metodologias sofisticadas, o que mais importa não os métodos em si, mas sim o seu enfoque: são interessantes pela opção decolonial e pelo entendimento dos problemas que lhes dizem respeito, especialmente o futuro e a possibilidade que temos de o influenciar (Schwartz et al., 2018).



Essa simplicidade metodológica é, contudo, potente o suficiente para compreender quais imagens do futuro são hegemônicas e de que forma podem ser vencidas com a realização de futuros relacionais e decoloniais. *A miopia colonial*, provocada por um passado encurtado que gera visão de futuro turva, não precisa de uma cirurgia no olho para ser corrigida, bastando uma solução simples e eficaz, mesmo que com características que possam ser consideradas paliativas, o uso de *óculos de futuros decoloniais*. Além disso, a proposta pode ganhar em alcance e criatividade ao buscar aproximação com métodos de tendências já existentes no mercado, em especial de empresas nacionais (ou gringas com um olhar decolonial) como Aerolito, Consumoteca e Box1824, que tem manifestado a vontade de assumir uma opção decolonial. Resta saber, contudo, se as propostas existentes, marcadas pela ênfase no “break

even”, no “show me the Money” e na “monetização” são capazes de incluir parceiros não lucrativos, como lideranças comunitárias, e assumir os conflitos de interesses existentes entre essas lideranças e as intenções das empresas clientes.

O que consideramos menos provável é o que poderíamos chamar genericamente de “Amy Webb de óculos decoloniais”. Empresas e pessoas que de forma sorridente e amigável atuam a favor de ideologias e economias hegemônicas não parecem aptas, nem interessadas, em usar esse tipo de lentes. Nossa tentativa teórica de incluir duas novas etapas no funil de 6 passos da futurista (Webb, 2023), sendo um 1º passo anterior aos seis atuais, no sentido de uma história política e social desvelada, e um último e 8º passo posterior aos existentes, de validação com líderes comunitários de grupos diversos, nos pareceram pouco aderentes aos princípios e propósitos da “renomada futurista americana”, que consistem basicamente em: 1) olhar para as “bordas” da sociedade; 2) identificar padrões ocultos e categorizar informações; 3) levantar questões “certas” para determinar o que é tendência; 4) garantir a compatibilidade da tendência “descoberta” com os interesses e *timing* das organizações clientes; 5) desenhar cenários estratégicos para agir em relação (e/ou moldar) a tendência; 6) realizar testes de validação (*pressure-test*); e oferecer “respostas”. Tudo com o lastro cientificista das pesquisas quantitativas com uso de big data e fórmulas indecifráveis (mas que podem ser geradas por inteligência artificial). Ou seja, uma busca de certezas vendáveis, na contramão do entendimento que nada no conhecimento científico é indiscutível. Pois, como lembra Demo (1995), a discutibilidade é um critério de cientificidade e tudo o que se apresenta como pronto e acabado não pode ser considerado conhecimento científico, sempre aberto para refutação, alteração e substituição.

#### 4. DE ONDE VOCÊ VEIO E PARA ONDE VOCÊ VAI

Não há mistérios em descobrir  
O que você tem e o que gosta  
Não há mistérios em descobrir  
O que você é e o que você faz

*Etnia* (1996), música de Chico  
Science e Lúcio Maia

A proposta considera os requisitos fundamentais elencados por Marcondes et al. (2017) para a sua viabilização: a) atende às condições básicas, incluindo facilidade de implantação e compatibilidade com a cultura de empresas, que possuem caráter humanizado e são reconhecidas por serem inovadoras e tecnológicas; b) é capaz de propiciar resultados concretos (pré-definidos e posteriormente mensuráveis); c) apresenta benefícios superiores aos custos de implantação, que propõe a adaptação de ferramentas já disponíveis; d) os autores e as demais pessoas envolvidas nos estudos de futuros e no mercado de tendências tem poder de decisão para a implementação.

Entretanto, a sua maior força está na constatação de que o conhecimento científico não é a única forma de conhecer a realidade que nos rodeia, e, menos ainda, o único conhecimento válido e confiável. Outros conhecimentos ancestrais e mesmo o senso comum trazem consigo explicações de mundo baseadas em métodos de verificação e interpretação da realidade confiáveis e anteriores ao conhecimento científico (Souza, 2006). Seguindo a trilha do respeito

aos conhecimentos plurais, além dos ganhos imediatos de ampliação de futuros possíveis, a proposta pode ensejar dois desdobramentos de médio e longo prazos:

- 1) O surgimento e fortalecimento de *lideranças ativas*, por meio do aumento da participação de líderes comunitários nos métodos de tendências e futuros. A participação de gente de fora pode ser mais disruptiva em relação aos processos atuais (com predomínio da lógica dos *stakeholders*). Resta saber se os interesses das comunidades serão colocados na mesa de negociações ou se elas serão apenas consultadas, para que as empresas tomem decisões que garantam seus interesses com o mínimo impacto negativo possível.
- 2) A imaginação de *futuros participativos*, por meio de métodos de estudos socioambientais que gerem relatórios de futuros decoloniais, ensejando experiências de futuros em comunidade, causadoras de mobilização e transformação que realimentam a sociedade.

Apresentadas as lentes e a armação dos óculos de futuros decoloniais, cabe a você, pessoa leitora, decidir de que forma e se, vai experimentá-los. Lembrando sempre, com Krenak (2023) ao citar os velhos de sua comunidade, que “você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem é você e para onde você vai”. E não vão ser apenas óculos novos que vão fazer você encontrar o seu caminho.

## REFERÊNCIAS

Andreotti, V., Stein, S., Siwek, D., Cardoso, C., Cajkova, T., Pataxo, U., Pitaguary, B., Pitaguary, R., Huni Kui, N., & Jimmy, E. (2019). Sinalizando rumo a futuros decoloniais: Observações pedagógicas e de pesquisa de campo. *Sinergias – Diálogos Educativos Para a Transformação Social*, 9, 9-16. <<https://sinergiased.org/sinalizando-rumo-a-futuros-descoloniais-observacoes-pedagogicas-e-de-pesquisa-de-campo/>>

Avillez, M.; Kastrup, V. (2023). Refúgios, ressurgências e entre-possessões da atenção com o Maracatu de baque virado. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10 (24): 273-290, set-dez. <<https://doi.org/10.48074/aceno.v10i24.15610>>

Barbrook, R. (2009). *Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global*. São Paulo: Peirópolis, 2009

Bisht, P. *Decolonizing futures initiative*. <<https://www.decolonizingfutures.org/>>

Box1824. (2023) *Knowledge: o método da box1824 para identificação de tendências*.

Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências sociais*. 3o ed. São Paulo: Editora Atlas.

Gesturing towards decolonial futures. <<https://www.decolonialfutures.net>>

Larsen, N. (2020). *Decolonizing futures: Q&A with P. Bisht, founder of Decolonizing Futures Initiative*. <<https://medium.com/copenhagen-institute-for-futures-studies/decolonising-futures-with-pupul-bisht-b1245ac416ff>>

- Latour, B. (2011). “La société comme possession. La « preuve par l’orchestre »”. In : Debaise, D. (Org.). *Philosophie des possessions*. Dijon : Les Presses du Réel, pp. 9-34.
- Marcondes, R. C., Miguel, L. A. P., Franklin, M. A., & Perez, G. (2017). *Metodologia para elaboração de trabalhos práticos e aplicados: administração e contabilidade*. São Paulo: Editora Mackenzie.
- Mojica, F. J. (2010). The future of the future: Strategic foresight in Latin America. *Technological Forecasting and Social Change*, Vol. 77 No. 9, pp. 1559-1565, <<https://doi.org/10.1016/j.techfore.2010.07.008>>
- Nery, A. T. C. V. (2021). *Design e futuros decoloniais: proposta de metodologia, perspectivas sobre a autonomia especulativa e o fim dos futuros*. 96 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel Design) - Univ. de Brasília, Brasília. <<https://bdm.unb.br/handle/10483/31026>>
- Ramos, J., Sweeney, J. A., Peach, K., & Smith, L. (2019). *Our futures: by the people, for the people*. [www.nesta.org.uk](http://www.nesta.org.uk)
- Schwarz, B., Svedin, U., & Wittrock, B. (2018) *Methods in futures studies* (A Westview 1982 replica edition). New York, Routledge.
- Science, C.; Maia, L. (1996) *Etnia*. Chico Science & Nação Zumbi. Faixa do disco “Afrociberdelia”, Chaos/Sony Music.
- Sousa, J. (2006). As sete teses equivocadas sobre conhecimento científico: reflexões epistemológicas. *Ciências & Cognição*, v. 8, 143-152.
- Triewieler, K. (2023). *Sobre a metodologia três ondas*. Aerolito. <<https://aeroli.to/metodologia-tres-ondas/>>
- Trop. (2023). *Radar de tropicalização: a metodologia da Trop para traduzir tendências e insights acionáveis*. 1. ed. [s.l.] Consumoteca. <<https://www.grupoconsumoteca.com.br/trop/>>
- Trop. (2023). *Trop Trends 23: tendências tropicalizadas que estão impactando o mercado latino-americano*. 1. ed. [s.l.] Consumoteca. <<https://www.grupoconsumoteca.com.br/trop/>>
- Voros, J. (2003), A generic foresight process framework, *Foresight*, Vol. 5 No. 3, pp. 10-21. <<https://doi.org/10.1108/14636680310698379>>
- Voros, J. (2017). *The Futures Cone, use and history*. <<https://theforoscope.com/2017/02/24/the-futures-cone-use-and-history/>>
- Web, A. (2023). *Tech trends report 23*. <[https://futuretodayinstitute.com/wp-content/uploads/2023/03/2023\\_TR\\_Executive\\_Summary.pdf](https://futuretodayinstitute.com/wp-content/uploads/2023/03/2023_TR_Executive_Summary.pdf)>